

Além do preconceito, discriminação e direitos negados, população que não se inclui na heteronormatividade enfrenta dificuldades no que diz respeito ao acesso à saúde

POR AILIM CABRAL

Alguma vez você já foi a uma consulta médica e se sentiu desconfortável em compartilhar com o profissional algum aspecto da sua vida ou informação que seria importante para um atendimento ou tratamento mais eficaz e adequado?

É raro encontrar alguém que nunca tenha passado por isso. E se você faz parte da comunidade LGBTQIAPN+, esse é, infelizmente, o padrão de atendimento. Para uma pessoa que não performa a cisgenderidade ou a heteronormatividade, o raro é passar por uma consulta livre de constrangimentos relacionados à sua identidade de gênero ou orientação sexual.

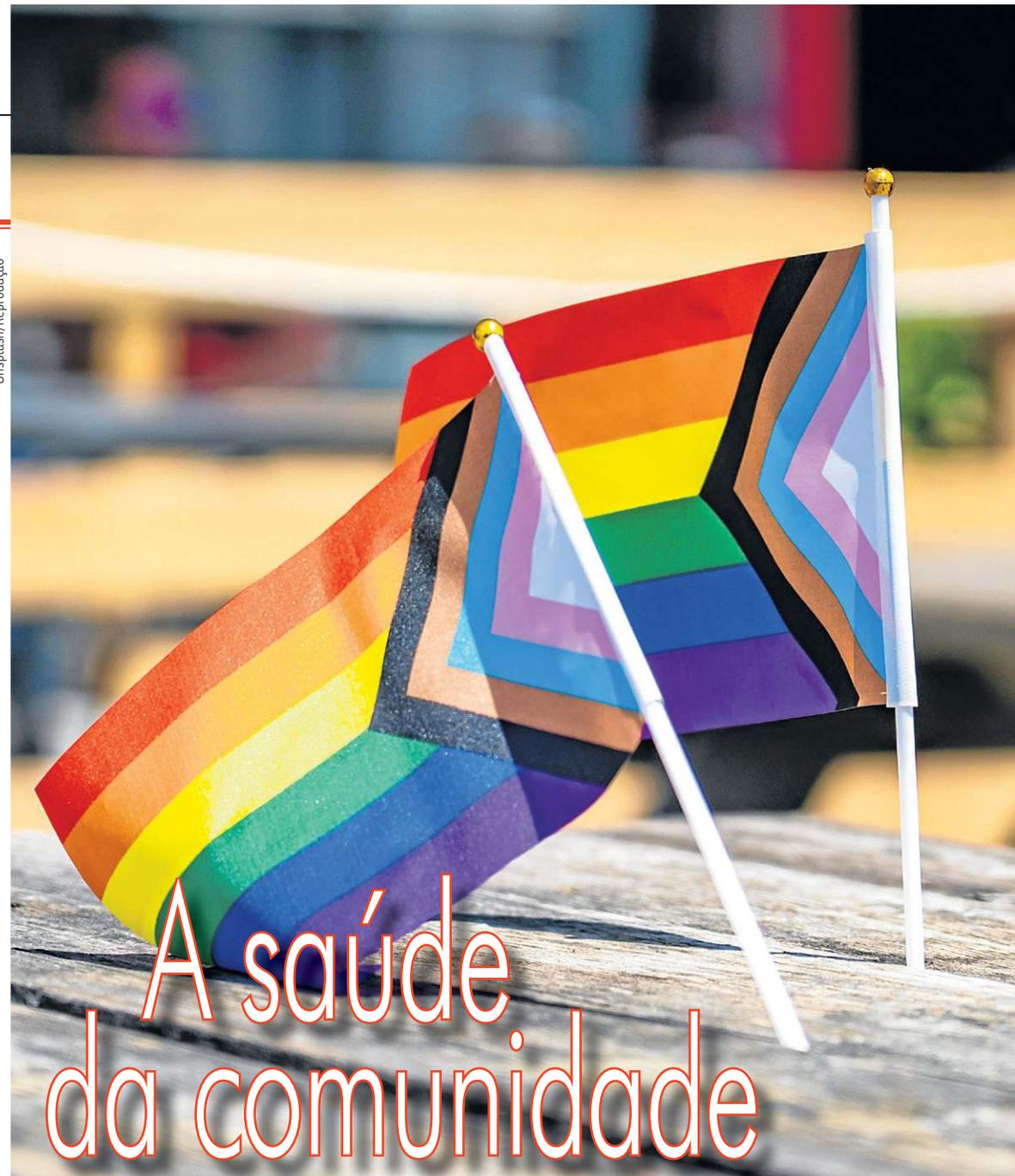
Aos 23 anos, com acesso ao sistema privado de saúde e fazendo acompanhamento básico com ginecologistas desde o início da adolescência, a assistente social Luhana da Fonseca dos Santos conta que está há seis anos sem encontrar um profissional com o qual se sinta confortável.

O que aconteceu há seis anos foi que Luhana se descobriu e se assumiu como uma mulher lésbica, o que não deveria, mas mudou completamente a forma como costuma ser tratada a cada atendimento. Desde então, tem frescas na memória as diversas violências que passou ao longo desses anos. “Nunca encontrei um profissional que tenha me tratado normalmente após saber que me relaciono com mulheres.”

A primeira mudança foi que, depois de algumas experiências ruins, ela não se sentiu mais confortável em se consultar com ginecologistas homens. Mas, mesmo buscando sempre mulheres, ainda não se sente confortável. Ao ser questionada sobre os métodos contraceptivos que usa, Luhana sempre explica que essa não é uma demanda, pois ela não mantém relações sexuais com homens. Em uma ocasião, uma médica questionou se ela tinha certeza que era uma mulher lésbica e que deveria, sim, buscar um método de contracepção.

Em outro extremo, ao mencionar sua orientação, ouviu de outra profissional: “Então, você veio fazer o que aqui?”, como se ela não estivesse,

Unsplash/Reprodução



A saúde da comunidade

LGBTQIAPN+

como qualquer pessoa com vida sexual ativa, ou não, sujeita e outras questões de saúde íntima que não envolvem evitar uma gravidez. E, assim, além de enfrentar a discriminação, a assistente social precisa lutar contra a ignorância e a falta de informação da pessoa em quem ela deveria confiar para cuidar de sua saúde.

“É um desconforto enorme, e aí eu me vejo indo ao médico e escondendo informações que seriam importantes, mas que vão me causar um desgaste enorme. Por outro lado, eu me percebo tendo que ensinar para uma médica que não se busca atendimento somente quando se tem relações

sexuais com homens. É cansativo”, desabafa.

Indo além das violências, Luhana conta que sente um enorme desânimo toda vez que precisa buscar novo atendimento. “Parece que eu preciso sempre estar me assumindo, e isso me fere. É como se estivesse revivendo aquele receio de dizer quem sou e sofrer um preconceito. E em um espaço em que você já fica mais inseguro e vulnerável, que é quando precisa de um atendimento de saúde”, conta.

Apesar das piores experiências terem acontecido na ginecologia, o desconforto se estende a outros tipos de atendimento. Toda vez que passa mal e vai a um serviço de emergência, o que acontece com frequência, pois ela tem hipoglicemia,